

JANAINA GAMA PIASSÁ ABRAHÃO

**A utilização da Imprensa na escola como meio de
aquisição da escrita**

**Rio de Janeiro
1999**

JANAINA GAMA PIASSÁ ABRAHÃO

99/1

**A utilização da Imprensa na escola como meio de
aquisição da escrita**

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE PEDAGOGIA
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
DISCIPLINA: MONOGRAFIA

Reitor: Hans Jurgen Fernanddo Dohmann
Decano: Maria Teresa Wiltgen Tavares da Costa Fontoura
Diretor: Janete de Oliveira Elias
Chefe de Deptº.: Adilson Florentino da Silva
Profª. Mônica Cerbella Freire Mandarino-

**A utilização da Imprensa na escola como meio de
aquisição da escrita**

JANAINA GAMA PIASSÁ ABRAHÃO

**Monografia apresentada à
Escola de Pedagogia da
UNI-RIO para obtenção do
grau de Licenciatura Plena
em Pedagogia**

Professor Orientador: Sandra Albanaz de Medeiros

**Rio de Janeiro
1999**

ABRAHÃO, Janaina Gama Piassá. A utilização da Imprensa na escola como meio de aquisição da escrita. Rio de Janeiro: Universidade do Rio de Janeiro - UNI-RIO, Centro de Ciências Humanas, Escola de Pedagogia 1999. 37p.

A

ABRAHÃO, Janaina Gama Piassá - 1999. A utilização da Imprensa na escola como meio de aquisição da escrita. Janaina Gama Piassá Abrahão. Rio de Janeiro: UNI-RIO, CCH, Escola de Pedagogia, 1999, 37 f.

Monografia apresentada à Escola de Pedagogia da UNI-RIO para obtenção do grau de Licenciatura Plena de Pedagogia.

I. Freinet 1. Métodos 2. Títulos

**CDD
CDU**

No momento em que todos os países tomam consciência da necessidade em que se encontram de adaptar o seu sistema de educação às novas necessidades da sociedade, da ciência e das suas técnicas, uma espécie de vento de reação pedagógica parece soprar não só entre nós mas também internacionalmente.

(Freinet, Célestin - 1989, p.185)

A utilização da Imprensa na escola como meio de aquisição da escrita

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir a importância da imprensa na escola, bem como sua relação com o processo de construção da leitura e da escrita na pré-escola. No primeiro capítulo, procuro contextualizar as propostas de Freinet em relação tanto às escolas de seu tempo quanto às de nossos dias, o que faço também a partir da leitura de outros autores que a elas se referem e buscando uma correlação com as minhas próprias idéias. Em seguida, contraponho criticamente os métodos naturais de leitura e escrita propostos por Freinet aos processos de leitura mecânica da escola tradicional, além de realizar uma ponte que desvela a estreita relação existente entre os métodos naturais e as atividades de imprensa na escola propostas por este educador. Dedico o terceiro capítulo ao histórico referente à imprensa na escola, buscando apresentá-la como um excelente recurso e caminho para a elaboração de textos livres e mais expressivos pela criança.

SUMÁRIO

	Pag.
1- INTRODUÇÃO.....	6
2- CONHECENDO FREINET	
2.1- Situando Freinet no tempo e no espaço	9
2.2- Importância da proposta de Freinet sob o ponto de vista de outros educadores.....	11
2.3- Minha visão pessoal de Freinet.....	18
3- MÉTODO TRADICIONAL X MÉTODO NATURAL	
3.1- Método tradicional.....	21
3.2- Método natural.....	22
3.3- Um confronto.....	24
4- FREINET E A IMPRENSA NA ESCOLA	
4.1- Como surgiu a imprensa na escola.....	27
4.2- Imprensa – um recurso e um caminho para o texto livre	28
4.3- Processo de construção de leitura/escrita através da imprensa.....	30
5- CONCLUSÃO.....	34
6- BIBLIOGRAFIA.....	36

INTRODUÇÃO

Quando os cidadãos souberem que o jornal pode mentir ou, pelo menos, que ele pode apresentar como definitivas soluções que não passam de aspectos parciais dos problemas impostos pela vida; quando estiverem aptos a discutir com prudência, mas também com ousadia, quando tiverem uma formação baseada na investigação experimental e na criatividade (...), Haverá então qualquer coisa de diferente nas nossas democracias (Célestin Freinet apud Santos, 19 p. 65).

Durante o meu curso de PEDAGOGIA, deparei-me com inúmeros autores discutindo métodos e técnicas de ensino, mas só um deles me fez enxergar a educação de uma maneira diferente, percebendo que existem “brechas” através das quais nós, educadores, podemos melhorar o processo de aquisição da escrita de crianças em idade pré-escolar.

Através deste curso tive oportunidade de “encontrar” uma “grande pessoa”, um grande educador, e a leitura de seus trabalhos me fez recordar do meu processo de aquisição da escrita e querer dar uma nova luz para educadores que, como eu, podem encontrar através da imprensa na escola um novo olhar sobre o processo de construção da escrita, bem diferente daquele “método” que foi usado comigo ao ser alfabetizada, que só me trouxe medo de escrever.

Célestin Freinet é a “pessoa” que me fez ver que é preciso que as crianças sintam prazer ao elaborar sua escrita e possam vê-la como uma nova forma de expressão e não apenas como uma tarefa obrigatória, a ser penosamente cumprida. Este importante educador francês propôs uma Pedagogia diferente da que era praticada

na época em que viveu e que provocou um verdadeiro “frison” na sociedade. Sua Pedagogia era coletiva e militante, e seus maiores méritos a paixão pela educação, a tenacidade e a coragem.

No trabalho que ora apresento pretendo discutir sua proposta inovadora de utilização da imprensa na escola como meio de aquisição da escrita, embasada não somente em suas obras, mas no trabalho de diversos autores que, assim como eu, sentiram a importância da Pedagogia de Freinet: as educadoras Liliâne Maury Maria Lúcia dos Santos, Maristela Angotti e Sonia Kramer.

Nossa reflexão está também embasada nas obras do próprio FREINET, na medida em que consideramos de vital importância a ida às fontes como um caminho que nos permitisse formulações mais pessoais sobre o tema que ora abordamos.

No primeiro capítulo, procuro contextualizar as propostas de Freinet em relação tanto às escolas de seu tempo quanto às de nossos dias, o que faço também a partir da leitura de outros autores que a elas se referem, e buscando uma correlação com as minhas próprias idéias.

Em seguida, contraponho criticamente os métodos naturais de leitura e escrita propostos por Freinet aos processos de leitura mecânica da escola tradicional, além de realizar uma ponte que desvela a estreita relação existente entre os métodos naturais e as atividades de imprensa na escola propostos por este educador.

Dedico o terceiro capítulo ao histórico referente à Imprensa na escola, buscando apresentá-lo como um excelente recurso e caminho para a elaboração de textos livres e mais expressivos pela criança.

Nas conclusões, reporto-me um pouco ao processo que vivi ao elaborar esta monografia e expressei meu desejo de que este trabalho possa contribuir de alguma maneira para o trabalho docente na pré-escola.

2- CONHECENDO FREINET

2.1- Situando Freinet no tempo e no espaço

A realização plena da vida, no atendimento das necessidades vitais da criança possibilita o aflorar do indivíduo como um ser autônomo, socialmente responsável, ser que vive constrói cultura, num processo contínuo de humanização e valorização do homem. (ANGOTTI, 1994, p. 59)

Célestin Freinet nasceu em Gars, na França, em 1896 e morreu em outubro de 1966, aos 70 anos, em Vence, também na França.

Freinet foi um educador que nem chegou a completar seus estudos como normalista, pois teve que servir ao exército. Em virtude da guerra, ele foi afastado de seus estudos, por motivos de saúde; sua capacidade respiratória ficou reduzida devido às seqüelas de um grave ferimento pulmonar. Com efeito, os médicos o condenaram a uma aposentadoria precoce. Mas Freinet não se deixava abater. Enquanto se restabelecia, ele procurou ler ao máximo vários educadores e, logo depois, resolve prestar concurso de inspetor, onde permaneceria ligado ao mundo infantil ao qual tinha se afeiçoado.

Em 1920, Freinet é nomeado mestre-escola, para uma escola primária de meninos, num vilarejo da Provença, Bar-sur-Loup. Neste ofício de professor, escolhido no limiar da adolescência, ele permanece fiel contra a opinião dos médicos.

Freinet cria a imprensa na escola, em 1925, como conseqüência da crítica que então fazia às cartilhas, à lição de moral, artificial e abstrata. Freinet põe os

professores primários de sobreaviso contra os efeitos nocivos de um pensamento adulto imposto de fora, dominando a criança arbitrariamente.

“Os manuais são um meio de embrutecimento. Servem, e por vezes grosseiramente, os programas oficiais. Alguns chegam a agravá-los, devido à mania injustificada de os atafulhar. Mas os manuais quase nunca são feitos para a criança. Declaram que facilitam e ordenam o trabalho do professor: orgulham-se de seguir passo a passo os... programas, o que havia de ser? E a criança que os siga se puder. Não foi dela que se ocuparam”. (FREINET, Elise, 1978, p. 48).

Em 1928, Freinet é nomeado para Saint-Paul-de-Vence, cidade maior, onde estabelece uma correspondência entre escolas de diversas províncias; adquirindo mais adeptos para a imprensa, através desta eles puderam trocar textos, atividades realizadas que foram bem sucedidas, promovendo um verdadeiro intercâmbio de informações.

De fato, Freinet, como preconiza Ferrière, afirma ter aberto a escola para a vida, criando assim, para ele e sua proposta, o estigma de ensino deplorável de um mau educador da juventude, pois para a época em que Freinet vivia a sua proposta educacional era considerada revolucionária e perturbadora da ordem vigente.

Em 1932, as autoridades nada puderam fazer senão acatar os desejos dos pais de alunos, inconformados com a atitude Freinet em relação ao ensino. Para Freinet, o importante era “gerar” indivíduos críticos e ativos dentro da sociedade. Afastado da escola onde lecionava, este grande educador decide abrir uma escola “livre” (cooperativa) para assim poder continuar sua experiência.

Em 1935 sua escola vem à luz, e em 1936 é reconhecida pelo “Front populaire”, mas a segunda guerra Mundial a dissolve.

2.2- Importância da proposta de Freinet sob o ponto de vista de outros educadores

Tanto em sua época como hoje em dia, Freinet conseguiu muitos adeptos que estudam a sua obra e a interpretam, buscando sua aplicabilidade nas escolas.

MAURY (1994), em seu livro *Freinet e a pedagogia*, nos coloca três objeções de outros autores a respeito da prática Freinet; **o tempo, o custo e o número grande de alunos dentro da sala de aula**. Freinet responde a estas críticas com respostas claras e objetivas, utilizando sempre a sua prática para rebatê-las.

Para Freinet o tempo que se gasta utilizando a imprensa na escola mais tarde irá gerar frutos lindos. *Ah! Se todos os minutos perdidos fossem tão fecundos!* Em relação aos custos, ele diz: O que representa um gasto inicial de uma quantia elevada se ao final este dinheiro irá permitir uma real economia, pois com a compra de papéis e tintas puderam ser feitos milhares de impressos para serem usados pela turma? Quanto ao **número grande de alunos dentro da sala de aula**, para Freinet isto não dificulta quando se consegue a autonomia da turma e se propõe a divisão de tarefas.

Em seguida Maury refere-se aos trabalhos de Maria Montessori, Decroly, Ferrière, comparando-os aos do próprio Freinet. Montessori separa a aprendizagem da escrita da aprendizagem da leitura, e nesta separação privilegia a escrita deixando a leitura para segundo plano. A comparação a Decroly diz respeito aos centros de interesses, que na verdade eram propostos pelo professor e não vindos da criança. Maury relaciona Ferrière a Freinet no que diz respeito à escola ativa, pois ambos abriram a escola para a vida.

Para Maury, Freinet propõe uma técnica de trabalho escolar que tem a imprensa como uma nova forma de levar a criança a ter sede de vida e atividade.

Maury coloca uma questão a ser pensada: Como Freinet passa – ou pensa ter passado – do “método dos centros de interesse” de Decroly ao “interesse da criança”? Isto se dá, segundo a autora, devido ao fato de Freinet levar seus alunos a imprimirem “textos livres” na própria escola, pois ele afirma ter aberto a escola para a vida e, melhor, para a criança.

Para Freinet o verdadeiro alcance do texto livre reside na economia do manual escolar que ele torna possível e, de modo mais geral, de todo e qualquer livro.

Em seguida Maury nos fala sobre o interesse e o esforço, como dois processos idênticos de expressão pessoal, cabendo ao educador utilizá-los de modo pleno, mais abrangente, mais disciplinado, mais ordenado. O professor deve utilizar o interesse e o esforço infantil para poder estabelecer um clima de harmonia entre as crianças, podendo assim passar o conteúdo de maneira que estas se sintam participantes do processo de aprendizagem.

Na medida em que se souber descobrir os impulsos e os hábitos ativos da criança, se soubermos fazê-los trabalhar com método (qualquer que seja) e com proveito, não precisaremos nos atormentar com relação aos interesses; eles se encarregarão de si próprios.

Maury ainda nos fala sobre a educação do trabalho, o trabalho jogo e a escola trabalho, nos quais não me deterei, já que o meu propósito é falar sobre a imprensa na escola, embora se saiba que todos os conceitos propostos por Freinet estão interligados.

Destacamos, entretanto, um trecho da mesma autora no qual esta se refere ao trabalho-jogo, por considerá-lo sumamente importante:

“Se quisermos reunificar poderosamente a natureza humana, temos de, nesta altura, buscar realizar uma atividade ideal a que chamamos TRABALHO-JOGO para mostrar bem que ela é dois ao mesmo tempo, atendendo as múltiplas exigências que ordinariamente nos fazem suportar um e procurar o outro. A coisa não é por certo impossível pois que se realiza espontaneamente em certos meios, em certas circunstâncias. A nós cabe generalizar e estender-lhe os benefícios ao nosso esforço escolar.” (MAURY, 1994, p. 74).

Uma outra autora que nos fala sobre Freinet é Santos (1993), com o seu livro *A expressão livre no aprendizado da língua portuguesa*.

Santos coloca a expressão livre como ponto de partida, meio e fim para o processo de construção da escrita, mostrando que o caminho é possível, e que o importante é motivar, provocar, para que a criança escreva; convencer da importância daquilo que ela tem a dizer: conscientizar do valor do seu discurso, ajudar a perder o medo de dizer o que pensa, valorizar suas idéias e ajudar a enriquecê-las; levar a perceber que ela não é obrigada a escrever o que só agrada ao professor e levar a perceber que escrever, quando se experimenta a necessidade de comunicar a alguém o que se traz dentro de si, é também um ato de prazer.

Ela nos diz que seu trabalho foi longo e exaustivo, mas que trouxe ótimos frutos para os seus alunos. Promovendo jogos para a liberação da escrita, aos poucos ela foi introduzindo as técnicas propostas por Freinet em sala de aula. Através destas, ela introduziu o jornal escolar e depois o jornal falado; a correspondência inter-escolar; a dramatização; o projeto; a biblioteca de classe; a reunião de cooperativa; o relatório

de aula e os fichários auto-corretivos. Todas essas técnicas foram introduzidas aos poucos para não “chocar” ou provocar um certo rebuliço entre as crianças, que antes eram acostumadas a práticas autoritárias.

Para que todas essas técnicas fossem bem sucedidas, havia necessidade de se promover um ambiente rico e estimulante, baseado na expressão livre do aluno, e no qual o professor deve atuar como um colaborador mais experiente.

É preciso que se deixe claro que há uma organização minuciosa do trabalho envolvendo tempo, espaço do material de apoio pedagógico, das responsabilidades e tarefas, das atividades e do controle e da avaliação.

Posteriormente Santos faz um relato sobre a expressão livre e o processo de alfabetização, pois a expressão livre da criança e a sua produção oral são pontos de partida para a ação pedagógica proposta por Freinet.

Nela, desde as classes do ensino pré-escolar a criança participa, vivência, por meio das atividades desenvolvidas, da organização geral dos trabalhos e da exploração pedagógica do caráter funcional da escrita, múltiplas situações em que o uso instrumental da língua é evidenciado, por exemplo, ao localizar o cartão de identificação, registrar suas atividades no plano de trabalho, para saber o que os correspondentes contaram por escrito, etc.

Para que isto seja alcançado parte-se do desejo de expressão e de comunicação; da totalidade do texto expresso ou comunicado; da estrutura sintática e da palavra, tudo sendo usado para facilitar o processo de alfabetização operado pela criança. Assim como as crianças maiores, utiliza-se os cantinhos (da leitura, pintura,...), as rodas de avaliação, a imprensa, etc.

Santos aborda também o método natural, mas este será discutido em outro capítulo. A autora ainda aborda em seu livro outros pontos que merecem ser estudados, mas que, devido ao caráter monográfico deste trabalho, não há como discutir em profundidade.

Angotti (1994) em seu livro *O trabalho docente na pré-escola – revistando teorias, descortinando práticas*, trabalha com diversas propostas de Educação Infantil, entre elas a de Freinet.

A autora analisa separadamente o processo de concepção freinetiana, distribuindo-o em diferentes tópicos como a educação, a criança, princípios, finalidade, ambiente, materiais, procedimentos, atividades, avaliação, relação professor-aluno e características e habilidades do professor.

Sobre o processo educativo, Angotti nos diz que Freinet preza a vida equilibrada entre o indivíduo e o seu meio social (normalização); a vida liberada das amarras autoritárias e coercitivas às quais adultos e crianças, muitas vezes, estão submetidos; a vida plena, pois segundo Freinet a educação deve:

“... liberar ao máximo as crianças da autoridade irracional dos adultos, mostrar a estes os caminhos da realização individual e social, relacionar todas as questões aos grandes problemas que os condicionam e devolver, assim, à ação social e política um lugar em primeiro plano nas preocupações educativas”. (ANGOTTI, 1994, p. 47).

Para Angotti, a educação possibilitará recursos para conhecer e construir o próprio ser dentro de um contexto específico conhecido, preparando a criança para assumir o seu papel pessoal, intransferível, da vida social e política.

A criança deve ser um ser preparado para viver a sua vida, aprendendo no decurso dela a forma melhor de vivê-la.

Alguns dos princípios de Freinet, são, segundo ela, levar em conta a potencialidade da criança e deixá-la conduzir o processo educativo; a expressão livre; a autoridade do professor.

Angotti, baseada em Sampaio (1989) *Freinet, Evolução histórica e atualidades*, também discute com o leitor as invariantes pedagógicas criadas por Freinet.

Para Freinet a finalidade da educação é a realização plena da vida, no atendimento das necessidades vitais da criança, possibilitando o aflorar do indivíduo como um ser autônomo, socialmente responsável, ser que vive e constrói cultura, num processo contínuo de humanização e valorização do homem. Sendo o objetivo de maior importância a felicidade, o ambiente deve possibilitar à criança movimentação, livre escolha para experiências tateantes e, o mais importante, deve proporcionar a ela liberdade e segurança.

Um dos recursos materiais pedagógicos mais importantes de Freinet, apontado por Angotti, é a imprensa, que será estudada posteriormente.

Segundo Angotti a avaliação em Freinet, expressa-se através de um processo contínuo de crescimento individual e coletivo, marcado pela atividade de análise crítica e cooperativa assumida pelas membros que compõem o grupo classe.

Recorrendo a Sampaio (1989), Angotti assim refere-se a relação professor-aluno:

“O educador precisa conquistar a confiança da criança, estabelecendo entre os dois, um clima de segurança e recíproca doação, permitindo, dia-a-dia, que a criança se torne ela própria”. (SAMPAIO, 1989 apud Angotti – 1994, p. 65).

O professor deve desenvolver a capacidade de observação permanente, identificando as necessidades e interesses da criança para que possa favorecer condições educativas que propiciem a realização da criança de forma pessoal, intelectual, social, política e cultural:

“Para Freinet, no quadro da instituição escolar, o verdadeiro educador, não será mais o vigilante ciumento e severo que está lá só para mandar, dirigir, sancionar os erros; ele será promovido à dignidade de um novo papel”. (ANGOTTI, 1994, p.66).

Sonia Kramer, em seu livro: *Com a pré-escola nas mãos*, (Kramer, 1993) descreve Freinet como um autor da tendência crítica, para o qual “a pré-escola é um lugar de trabalho, a criança e o professor são cidadãos, sujeitos ativos, cooperativos e responsáveis, tendo a educação o papel de transformação do contexto social” (p.33).

Um dos pontos discutidos por Kramer refere-se a relação direta do homem com o mundo físico e social, feita através do trabalho, segundo a qual a liberdade não é cada um fazer o que quer, mas sim o que decidirem em conjunto.

Destacamos, entre outros pontos levantados pela autora, a extrema importância da participação e integração entre famílias/comunidade e escola; a aquisição do conhecimento como fundamental, mas que deve ser garantida de forma significativa e prazerosa.

Segundo Kramer, a pedagogia de Freinet apresenta lacunas, que precisam ser ultrapassadas no que diz respeito à visão otimista do poder de transformação da escola.

2.3- Minha visão de Freinet

“Nos habituamos todos de tal forma a comandar as crianças e a exigir delas obediência passiva que não pensamos na possibilidade de haver uma outra solução para a educação que não seja a fórmula autoritária”. (FREINET – 1968, apud SANTOS, 1993, p. 15).

Célestin Freinet surgiu como uma resposta às minhas angústias e indagações a respeito da educação pré-escolar, já que considero que a Pedagogia Freinet pode contribuir não só com respostas indispensáveis, além de teóricas, mas também, e sobretudo, como uma prova de que as teorias generosas dos grandes pedagogos podem atualmente tornar-se realidade.

Uma de suas técnicas que mais me chamou atenção para um estudo mais aprofundado foi a **imprensa na escola** relacionada ao texto livre, já que ela promove uma aprendizagem natural, sem esforço da leitura e da escrita das palavras; desenvolve a agilidade manual e a coordenação harmoniosa dos gestos; permite o exercício progressivo da memória visual, a aprendizagem da ortografia pela globalização e análise de palavras e frases, além de proporcionar o sentido de responsabilidade pessoal e coletiva e um clima de comunidade fraternal e dinâmica. Além do mais, o texto livre é um dos meios de liberar o pensamento da criança, facilitando sua expressão.

Após essas afirmações e constatações, eu me perguntei: E o professor? Que atitude deve tomar? Depois de muito estudar, compreendi que o professor deve: ajudar as crianças a elaborarem seus projetos; ser dinâmico; respeitar a personalidade e o ritmo de cada um; exprimir sua afeição de maneira calorosa; permitir, em todos os momentos, a expressão espontânea; acreditar na capacidade das crianças; respeitar as realizações de seus alunos.

Com esses procedimentos educativos, a criança se torna progressivamente mais consciente da finalidade das aprendizagens mas é preciso, também, que a ajudemos a construir suas próprias regras para que sua vida pessoal e em grupo sejam mais harmônicas.

Entre as propostas de Freinet, outro ponto que me chamou atenção foi o *Livro da Vida* (este livro relata todas as experiências da turma durante o ano, sejam elas escolares, familiares, emocionais), e é feito dependendo da classe e de acordo com a vontade das crianças, a cada dia. A professora apenas transcreve fielmente as palavras ditas pelos alunos, pois ela deve ter o cuidado de respeitar a linguagem própria de cada um; respeitar o lado vivo e espontâneo da linguagem infantil, respeitar o caminho próprio de cada um. Mas a professora pode também intervir na qualidade articulatória; propor um modelo correto; convidar a reformular sua frase corretamente se ela não foi compreendida. Além do mais, o livro da vida pode despertar na criança a vontade de escrever, pois ela vê e imita o que a professora está fazendo.

É importante que a criança esteja imersa num clima de leitura e de escrita, pois da comunicação oral passa-se naturalmente à comunicação escrita.

Depois de falar sobre alguns pontos que considero importante da Pedagogia Freinet, fica fácil saber o porquê de minha paixão e interesse pelo mesmo.

“Educar não é uma fórmula de escola, mas uma obra de vida”. (ANGOTTI, 1994, p. 67).

3 – MÉTODO TRADICIONAL X MÉTODO NATURAL

3.1 – Método tradicional

Segundo Freinet (1989), a escola tradicional vem, ao longo dos anos, ensinando uma moral verbal sem levar em consideração o comportamento das crianças, suas vivências, etc. Ela “visa apenas consolidar e justificar as práticas escolásticas de obediência passiva e de instrução dogmática” (p. 39).

A pedagogia tradicional erra ao pensar que a criança só estará falando quando tiver dominado a técnica da linguagem. Na prática isso não ocorre. A criança começa as suas primeiras tentativas com linguagens muito antes de se apossar da técnica. Para a criança as poucas sílabas que ela consegue falar bastam-lhe para lhe dar segurança e fazer contatos sutis com seus pais, o que se torna uma reconfortante e feliz surpresa.

A criança, ao iniciar o seu processo de leitura pela escola tradicional, lê mecanicamente, separando o processo de leitura do da compreensão. A criança os enxerga como dois processos distintos e a escola fica feliz vendo-a repetir frases sem sentido. A escola tradicional gaba-se em proporcionar às crianças um processo de leitura que visa a repetição de frases no qual as crianças lêem sem compreender o que estão lendo.

Através desta educação a escola formará crianças inadaptadas ao meio social, pois ela não será capaz de criticar e tentar modificar a sua vida, não tendo consciência dos seus direitos e deveres perante o mundo.

“É a própria existência deste meio escolar, tal como existe, que consideramos irracional, retardatária, perigosamente defasada em relação ao meio social e vivo contemporâneo, e impotente, por este fato, para facilitar e preparar a educação bem compreendida que formará na criança o homem de amanhã, consciente de seus direitos, mas também capaz de cumprir os seus deveres no mundo que deve construir e dominar”. (FREINET, 1989, p.39).

3.2 – Método natural

“Na trajetória percorrida pela criança, durante seu processo de alfabetização, os avanços não se dão a passos regulares, nem segundo um referencial prefixado pelo professor: a criança sapateia no lugar um bom tempo, pelo menos aparentemente, depois queima etapas sozinha ou graças ao estímulo de seus colegas; em seguida torna a parar num novo patamar: é o tateio experimental, tão bem descrito por Freinet”. (TOURNAI, apud Santos, 1983, p.227).

O método natural, especialmente o da leitura/escrita, deve propiciar às crianças um atrativo a ser percebido por elas no seu processo de alfabetização e não uma simples exploração de fonemas e grafemas.

O método natural deve contribuir para a maturidade intelectual e afetiva da criança, permitindo que ela vivencie situações novas e tome decisões. Para que isto ocorra, o método natural tem que estar aberto para críticas, opiniões e mudanças.

O professor deve exercer a função de cooperador do processo natural dirigido pela criança, introduzindo como complemento educativo alguns exercícios que lhe pareçam eficazes, mas estes exercícios não podem ser considerados prioridade nem exclusividade no processo educativo, eles devem ser auxiliares no método natural da leitura/escrita.

O método natural praticado por Freinet não isola e nem privilegia o processo de alfabetização. Ele se baseia na vivência das crianças e se inscreve numa perspectiva de educação global e feita através das mais diversas relações.

Diferente de outros pedagogos, o método natural de alfabetização proposto por Freinet é global, na medida em que sua proposta parte do todo e não de palavras-chaves previamente determinadas, ajudando a criança a estabelecer as necessárias referências para a compreensão da estrutura da linguagem. É, também, um método ideo-visual, pois suas referências colocam em relação o **sentido**, o que motiva a criança, e a **forma escrita** – inclusive a ortografia – que ela aprende pouco a pouco a dominar.

De acordo com a proposta de FREINET, cada criança progride de acordo com seu ritmo na vida de uma classe cuja organização é cooperativa.

“O que importa não é ser capaz de escrever sem erros, o que, repetimos, só tem um valor extremamente limitado e escolar. Importa, isto sim, saber exprimir-se, não só corretamente, mas com elegância e sentimento, estar apto a operar a língua com destreza e habilidade, saber demonstrar, convencer, emocionar, pois é isto que, na nossa época, condiciona largamente o nosso comportamento e a nossa vida”. (SANTOS, 1995, p. 166).

O método natural deve estimular e permitir que o aluno se expresse livremente, reconheça que seu texto, por mais imperfeito que possa ser, deve ser recebido por todos com respeito; propiciar o diálogo; permitir que o aluno se conscientize dos seus direitos e deveres perante o mundo e que sinta e perceba as diferentes funções sociais da escrita.

O método natural tão falado e defendido por Freinet é realizado através do contato direto da criança com o texto livre, seja pela expressão oral ou escrita.

3.3 – Um confronto

De acordo com FREINET (1989) existe uma diferença fundamental de princípio entre os métodos tradicionais e os métodos naturais. Para ele “os métodos tradicionais são especificamente escolares”, na medida em que são “criados, experimentados e mais ou menos realizados” por um meio escolar que tem os seus modos de vida e de trabalho, suas finalidades, diferentes dos modos de vida e de trabalho do “meio não escolar e a que chamaremos meio vivo” (FREINET, 1989, p.40).

É necessário que se caminhe no sentido de uma prática construtiva, de um ensino moral, organizado através da cooperação do trabalho, estabelecendo assim relações mais humanas entre professores e alunos num meio pedagogicamente favorável.

A escola tradicional tem empregado ao longo dos anos, técnicas de cálculo, redação, música, que surgem como modelos preparados para serem aplicados nas escolas sem levar em conta as adversidades escolares, “resultando uma falsa cultura que nunca é integrada na vida dos homens e que constitui, por este fato, um erro social e uma falsa manobra humana”(FREINET, 1989, p. 40).

Segundo Freinet (1989) é necessário que se faça a integração das técnicas na vida, ou seja, “é a supressão deste hiato entre a Escola e o meio”.

A escola tradicional não prepara o aluno para desempenhar o papel de cidadão ativo dentro de uma sociedade democrática. O método natural, ao contrário, propõe a ele uma história viva, a medida em que a criança se sente participante desta história.

“As crítica expostas não são falsas ou exageradas, quando se acredita que a Escola cumpre normalmente o seu papel na nossa sociedade, que as crianças são não só instruídas mas, educadas como desejam; se estão persuadidos – contra toda a evidência – que os métodos que empregam preparam a criança para a vida com o máximo de eficiência, então continuem na tradição. O método natural perturba inutilmente os vossos hábitos e tranqüilidade”. (FREINET, 1989, p.40).

A escola funciona, ainda hoje, diz Freinet, sob os molde e princípios do início do século. Para reverter esta situação é preciso realizar reformas indispensáveis, a nível pedagógico e social. Só assim as crianças poderão tirar proveito dos resultados desta experiência coletiva, que aborda com espírito crítico e dialético os grandes problemas de pedagogia atual.

Segundo Freinet (1989) o método natural, tanto da leitura como da escrita, tem que ser “expressão e comunicação, pela interpretação de sinais escritos”. O importante é que se compreenda os sinais, o pensamento e as indicações que cada criança tenta exprimir, pois a cada momento elas estão numa “tentativa experimental” de comunicação, utilizando para isso o globalismo ou a decomposição, ou os dois ao mesmo tempo.

Como dissemos anteriormente, o problema da pedagogia tradicional está em pensar que a criança só saberá falar quando tiver dominado a técnica da linguagem. Como também vimos, na prática isso não ocorre. Antes mesmo de

aprender a ler ou escrever a criança já possui uma comunicação, que é pessoal e intransferível.

Através do método natural a criança lê e escreve, mesmo sem ter posse dos mecanismos de base, pois a leitura é feita através da sensação, da intuição e da afetividade no meio social.

Não se pode mentir a leitura de uma criança feita através do método natural, nem pelo método tradicional, pois se considerarmos a criança alfabetizada pelo método natural com um “atraso cultural”, ao avaliarmos uma criança alfabetizada pelo método tradicional, veremos que o atraso é bem mais flagrante.

Pelo método natural a criança lê, sem ter que repetir diversas vezes a mesma frase sem sentido e sem relação com o seu meio. Ela lê através da imprensa escolar, da correspondência, do desenho, de coisas do seu cotidiano. A criança traduz em “textos vivos” o seu próprio pensamento, progredindo dentro de sua capacidade e interesse.

4 – FREINET E A IMPRENSA NA ESCOLA

4.1 – Como surgiu a imprensa na escola

“A felicidade é flor que necessita da presença e ternura. Entregue a si própria, a criança perde muito tempo a discernir as hierarquias necessárias à formação de sua personalidade (...). Se o professor souber desempenhar esse papel catalisador e de confidente, se conseguir ajudá-la a vencer os obstáculos e a conservar o entusiasmo e a iniciativa, terá realizado aquele ideal de camaradagem que oferece à educação as suas maiores oportunidades de triunfo, emprestando-lhe amplitude e sutileza”. (FREINET, 1978, apud Angotti, 1994, p. 66).

A imprensa na escola surgiu como uma forma de registrar as aulas-passeio, e foram um “meio de salvação” diante do quadro de leitura praticado pela escola tradicional. As aulas-passeio eram feitas num tom familiar.

Após as aulas-passeio era feito um balanço do passeio, mas isto era muito superficial, pois logo após este “passeio vivo”, o professor era obrigado a voltar aos velhos livros totalmente fora da realidade vivenciada.

Diante desta situação Freinet se viu de “mãos atadas”, até que “percebeu” que poderia traduzir o texto vivo em um texto escrito para substituir as páginas do manual, fazendo isto através da imprensa.

Célestin Freinet conseguiu materializar o seu sonho através de um velho tipógrafo, e no início seu material de impressão era de uma composição simples e prelo de maneira que, em princípio permitia a impressão de textos. Este material só conseguia imprimir 5,6,7 linhas, o que bastava para guarnecer as folhas 10,5 x 13,5 que eram usadas.

A reação dos alunos diante da imprensa foi surpreendente, pois esses se apaixonaram pelo processo minucioso de impressão. Diante desta situação eles se deixaram prender pelas novas tarefas, não porque a ordenação dos caracteres nos componedores pudesse ser atraente mas, sobretudo, porque se tinha descoberto um processo normal e natural da cultura; a observação, o pensamento, a expressão natural da cultura tornaram-se um texto perfeito.

A partir desta descoberta, o pensamento e a vida da criança podiam agora tornar-se elementos de enorme importância cultural.

4.2 – Imprensa – um recurso e um caminho para o texto livre

*“...Lancei a semente à terra. Ajudei-a a dar frutos para demonstrar que a necessidade de criação e de expressão é uma das idéias – forças com base nas quais se pode fundamentar uma renovação pedagógica incomparável”.
(FREINET, 1975, p. 27).*

A experiência de Célestin Freinet vem nos mostrar que a utilização da Imprensa escolar é um dos recursos e caminhos que melhor se prestam para serem utilizados no processo de construção da leitura e escrita na escola.

Através do manuseio dos mecanismos tipográficos a criança tem oportunidade de, prazerosamente, transformar as aulas-passeio em textos vivos e livres e que expressem sua criatividade.

Segundo Freinet (1975), o texto livre consagra a aptidão da criança “para pensar e exprimir e para passar de um estado de menoridade mental e afetiva a dignidade de um ser capaz de construir experimentalmente a sua personalidade e de orientar o seu destino (p.27).

O texto livre é uma atividade que tem o seu alicerce na vida do aluno, no seu meio, na sua afetividade, aflorando tudo que a criança traz dentro de si; seu lado criador, dinâmico, inteligente e humano.

O texto livre estimula o diálogo entre crianças de diferentes ambientes culturais. Ele é uma técnica pedagógica que favorece a criação, a espontaneidade e a interação das crianças com o meio. É a oportunidade que cada criança tem de mostrar ao professor suas qualidades, desejos, angústias, receios; fazendo com que o professor conheça melhor as suas crianças, pode assim tentar resolver ou amenizar os seus problemas.

Um texto livre, como o nome já diz, deve ser feito livremente pela criança; ela deve ter o desejo e a vontade de fazê-lo, escolhendo assim o tema que lhe agrade mais. Não se pode estabelecer o que falar, o número de linhas, etc. A criança tem que se sentir “livre e segura” para que ela possa exprimir o seu pensamento. O professor deve despertar na criança a necessidade de exprimir-se desabrochando assim um clima de atividade livre dentro da sala de aula.

O texto livre, oral ou escrito, deve ser natural e espontâneo, mas nas crianças que foram marcadas pelo imobilismo dos métodos tradicionais, estas, não conseguem transpor os seus pensamentos para o papel, já que toda vez que tentam esbarram nos obstáculos e proibições da escola, ficando reduzidas a uma linguagem impessoal e sem ligação com o meio vivo.

É preciso que a criança sinta a sua importância diante do meio em que vive, compreendendo que tudo o que ela tem a dizer é importante para a sua vida e para a

sua comunidade. A criança tem que perceber que ela é um cidadão “individual” e que vive e estabelece relações dentro de um “coletivo” com múltiplas características.

Segundo Santos (1993), o professor deve respeitar a criação do aluno, favorecendo a aquisição de um domínio cada vez maior da língua falada e escrita.

“O aluno escreve para satisfazer a necessidade de exteriorizar aquilo que está fervilhando dentro de si e não para cumprir uma determinação do professor. Ao escrever usa a língua escrita de maneira como é capaz de fazê-lo”. (SANTOS, 1993, p. 57).

Imprimir seus textos, livremente criados, torna-se para a criança um meio essencial de linguagem, comunicação, expressão e, acima de tudo, socialização e construção da cidadania.

4.3 – Processo de construção da leitura/escrita através da imprensa

“O processo natural para o domínio da leitura e da escrita, assim como afirma Freinet, não é absolutamente como a escola tradicional: leitura, tradução gráfica do pensamento, mas sim tradução do pensamento, primeiramente pela fala, em seguida pelo desenho, depois pela escrita e sem seguida pelo reconhecimento das palavras e frases até a compreensão do pensamento que elas traduzem – reconhecimento este que é propriamente a leitura”. (FREINET, 1993, p. 223).

Para Freinet o processo de alfabetização se realiza através de um lento tateio experimental, da repetição automática das experiências bem sucedidas, seguindo um princípio de audácia e de prudência. A criança procura imitar e se aproximar ao máximo dos modelos adultos, mas isto é feito intuitivamente.

O **tateio experimental** permite que a criança faça sua própria análise da escrita de maneira espantosa. Para que isto ocorra é necessário que o trabalho em sala de aula seja rico e estimulante, favorecendo um conjunto de circunstâncias que irão auxiliar a criança a realizar este tateio.

A partir desta exposição fica claro que a criança tem que se sentir “construtora” do seu processo de leitura e escrita. E é neste ponto que a imprensa vem servir de base para tal realização.

Através da imprensa na escola a criança exprime-se, e o professor facilita, encoraja e difunde o pensamento da criança, para que esta expressão tenha o seu verdadeiro sentido e a sua razão de ser. Todas as palavras, pensamentos feitos pela criança, devem passar para a imprensa. E o professor deve ajudar os “atrasados”, ou “difíceis”, a completar uma expressão que demorem a exteriorizar.

A criança deve ser estimulada e compreendida para que ela possa sentir necessidade de ler e escrever – globalmente e sem lições de repetições. A criança fotografa com insistência a linha que acabou de compor ou uma palavra, e o próprio papel impresso fica gravado sempre, no espírito das crianças.

Esta maravilhosa leitura global, ideal, ocorre porque ambas as partes (crianças e professor) foram motivadas e estavam interessados no assunto. Logo, a linguagem escrita ou falada faz brotar a expressão consciente e crítica da criança. E, após isto, a criança lerá e compreenderá frases inteiras, até o dia em que, motivada pelo seu interesse, investigue e descubra os mecanismos das palavras e sílabas.

A escola tradicional, ao iniciar suas crianças pelo processo de repetição de frases e sílabas, pensa ter ganho tempo. Na realidade o que ela conseguiu foi desfazer

os laços da criança com a sua expressão escrita e falada, desequilibrando-a, fazendo com que ela perca a sua confiança perante o mundo e a ela mesma.

É preciso que haja uma reflexão sobre este assunto pois nós, educadores, temos que orientar com segurança o caminho destas crianças para que elas possam ter auto-confiança e interesse perante as coisas que as cercam.

Através da imprensa todas as crianças lêem globalmente os seus textos e os de seus correspondentes, tudo isto feito com entusiasmo e respeitando as suas dificuldades .

“Através da imprensa na escola, as crianças começaram a falar na aula, a exprimir-se, pela palavra, pela caneta, pelo lápis, pela mímica. E esta expressão espontânea tornou-se o eixo essencial de toda a nossa pedagogia”. (FREINET, 1977, p. 44).

O método natural, mais especificamente, a imprensa, possibilita à criança a leitura e escrita de textos numa ordem natural, onde ela não se dá conta do que conseguiu nem do seu processo de evolução individual.

Para que todas estas mudanças ocorram é preciso que os pais, os professores e as escolas se unam para juntos pensarem em prol da criança e de seu bem-estar: só assim irá acontecer o “milagre” tão comentado e esperado por Freinet e por todos que acreditam na sua pedagogia.

Pela imprensa na escola as crianças poderão apropriar-se, num prazo normal, do processo de leitura e escrita sem que ela “sofram” desilusões. A imprensa oferece a possibilidade de fixar a expressão e fazer com que a criança tome consciência de seus direitos e deveres e desenvolva a sua personalidade.

Esta nova técnica não cairá do céu já pronta; é preciso que juntos lutemos pelo ideal no qual acreditamos.

“... só faremos educação se deixarmos que cada criança realize a sua própria experiência e adquira os mecanismos em estreita ligação com a elaboração do seu pensamento. De outro modo, ela desperdiça, em puro detrimento da sua formação de homem, as horas mais preciosas da sua existência. E forja o instrumento da sua escravização”.
(FREINET, 1977, p. 77).

CONCLUSÃO

Durante a elaboração de todo este trabalho tive como preocupação escrever de uma maneira simples e clara, para que pessoas que ainda não conhecem nada sobre a Pedagogia Freinet possam entendê-la um pouco e, quem sabe, assim conseguir novos adeptos para a sua proposta.

Indo em busca deste objetivo, procurei mostrar a estes colegas um pouco desse grande educador e que, embora surgida no início deste século, sua proposta educacional é ainda atualíssima e de grande importância em nossos dias.

Com o transcorrer do trabalho, a cada dia mais fui percebendo que a Pedagogia de Freinet exige muita dedicação e amor dos mestres, pois o trabalho educacional é difícil e o professor deve ser, antes de mais nada, um auxiliador do processo ensino – aprendizagem. Neste sentido, ele deve proporcionar a seus alunos um clima estimulante dentro da sala de aula, para que as crianças possam se interessar cada vez mais pela escola.

Este trabalho foi, ao mesmo tempo árduo e gratificante, pois realizando-o aprendi mais a respeito da Pedagogia Freinet e convivi com pessoas que “usam” e admiram esta proposta educacional.

Encarando todas as dificuldades de elaborar uma monografia, fui percebendo a beleza do trabalho de Freinet e, mesmo tendo algumas vezes vontade de chorar, reagi o suficiente para perceber a grandeza de sua obra e que ainda haveria, por mais que eu me esforçasse, muita coisa para ser estudada sobre o meu tema. O que apresentei sobre a imprensa na Escola e Freinet é apenas uma pequena porção de um

todo, amplo e maravilhoso, pelo qual certamente muitos outros colegas se interessarão e poderão aprofundar em outros estudos.

BIBLIOGRAFIA

ANGOTTI, Maristela. *O trabalho docente na pré-escola – revistando teorias, descobrindo prática*. São Paulo: Pioneira, 1994.

CHANCHE, Piene. *O texto livre*. Lisboa: Estampa, 1977. 112p.

FREINET, Célestin. *A leitura pela imprensa na escola*. Lisboa: Dinalivro, 1977. 112p.

_____. *As técnicas Freinet da escola moderna*. Lisboa: Estampa, 1975. 170p.

_____. *O método natural*. Lisboa: Estampa, 1977.

FREINET, Elise. *O itinerário de Freinet: a livre expressão na pedagogia Freinet*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979. 166p.

_____. *Nascimento de uma pedagogia Popular*. Lisboa: Estampa, 1978.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1991. 3^o ed.

KRAMER, Sonia. *Com a pré-escola nas mãos – Uma alternativa curricular para educação infantil.* São Paulo: Ática, 1994.

_____. *Por entre as pedras: arma e sonho na escola.* Rio de Janeiro: Ática, 1995.

MAURY, Liliane. *Freinet e a pedagogia.* São Paulo: Martins Fontes, 1993. 149 p.

RIBEIRO, S. A. *Em busca de uma metodologia para uma educação libertadora: Paulo Freire – Freinet.* São Paulo, PUC, 1976.

SANTOS, Maria Lúcia dos. *A expressão livre no aprendizado da língua portuguesa.* São Paulo: Scipione, 1993. 238 p.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico.* São Paulo: Cortez, 1993.